



REVISTA

NOSSO TEMPO

VOLUME II • NÚMERO VI • MAIO/AGOSTO/ 2026



UMA VEZ
REDENTORISTA

SEMPRE
REDENTORISTA!

TEMPO DE CUIDAR!

DEUS CONTINUA NOS CHAMANDO
E **SANTO AFONSO** PERMANECE
NOS INSPIRANDO!

ORGANIZADOR:

Prof. Me. José Ribeiro Leite

CAPA:

Prof. Me. José Ribeiro Leite

SUPERVISÃO EDITORIAL

Prof. Me. Jonival Cortes

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Laurindo Cisotto

B.a. Davi Borges

B.a. Luiz Cássio Serraglio

Prof. L.a. Hilário R. Coutinho

REVISÃO DE TEXTO

Prof. Me. Baltazar A. de Oliveira

Prof. Me. José R. Leite

Prof^a . L.a. Maria de L.A. de Moura (Mali)

PROJETO GRÁFICO

Estúdio Belize



SUMÁRIO



Editorial - Tempo de Cuidar **José Ribeiro Leite – Paraíba**

6

Reside em Marília-SP, é membro da UNESER, é casado, tem um casal de filhos; professor aposentado; licenciado em Filosofia, mestre em educação de adultos; seminarista redentorista por cinco anos, sendo 86 a 88 no Seminário Santo Afonso e 89-90 em Garça, SP.



A Alegria de Servir **Jonival Ferreira Côrtes – Goiano**

8

Entrou no seminário São José em Goiânia em 1976, vindo do seminário Santa Cruz, da Arquidiocese de Goiânia. Passou pelo Seminário Santa Teresinha em Tietê - SP e São Clemente em Campinas - SP. Kursou Filosofia e História, possui mestrado; é presidente da UNESER



Um Mistério Para Cuidarmos **Egídio Loch**

10

Nasceu em 1965; é exseminarista Josefinos de Murialdo, 1979-1982 (Orleans/SC) e exseminarista Redentorista de 1983-1988 (Aparecida e Campinas). Licenciado em Filosofia; Especialista em Catequese pela INSECH; Escola Teológica para Leigos pela Faculdade Dehoniana; Ministro da Palavra e Ministro Extraordinário da Eucaristia - Diocese de Criciúma/SC.



Cuidar Nas Organizações **Djevani Antônio Alves de Jesus**

11

É natural de Caieiras, SP; reside em perus, SP; casado, pai de duas filhas. Atua profissionalmente na área de Recursos Humanos; é graduado em Administração de Empresas (FASP) Ciências Contábeis (PECAP); pós-graduado em Administração de marketing (UNISANT'ANNA); e BEM em Gestão de Negócios (USP/ESALQ).



O PAI Nos Ama e Nos Deu Uma Casa Comum **Pe. Maurício Brandolize (CSSR)**

14

É Missionário Redentorista; atualmente mora e trabalha em Trindade, Goiás. Padre Mauricio Brandolize é membro da Congregação do Santíssimo Redentor (CSsR), Padre Mauricio Brandolize é membro da Congregação do Santíssimo Redentor (CSsR), fez profissão de fé em 1972 e foi ordenado em 1976; é conhecido por sua atuação na comunidade do Divino Pai Eterno em Trindade em Goiás (GO) e por seu envolvimento em comunicações religiosas, especialmente programas de rádio.



Tempo de Cuidar: A Verdade Como Compromisso Cristão na Era das Fake News e da Inteligência Artificial

Ricardo Palmejani

15

Nascido em Santa Cruz do Rio Pardo, Atualmente residente na cidade de São Paulo/SP, casado, possui Graduação Filosofia e Direito, exercendo a profissão de advogado; tempo de seminário (1985 até 1987, Seminário Redentorista Santo Afonso em Aparecida e 1988 cursou filosofia na Universidade São Francisco em São Paulo, residindo na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro).



Quem Cuida de Quem? O Invisível Trabalho de Acolher uma Criança

Tomé Hítalo

19

Tomé nasceu em Cruzília e cresceu em São Tomé das Letras (MG); possui uma trajetória dedicada às ciências humanas e ao desenvolvimento de projetos sociais; é bacharel em Filosofia pela PUC de Campinas e graduado em Teologia pelo Instituto Teológico São Paulo (ITESP); dedicou parte de sua trajetória ao ministério presbiteral. Durante esse período, atuou em Mauá, Diadema, no Santuário Nacional de Aparecida e na Cidade Tiradentes (SP). A partir de 2010, redirecionou sua atuação profissional para o terceiro setor e a docência, assessor político e gestor em organizações sociais. Cursou pós-graduação em filosofia da História e em Gestão de Pessoas, além de formações em Psicanálise, Programação Neurolinguística (PNL) e Tecnologia em Gastronomia. Atualmente, reside em Pouso Alegre (MG), é casado com Mereci, pai de dois filhos e atua como gerente de três casas de acolhimento para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.



O Cuidado Com As Vocações Redentoristas

Jean Cardoso Carvalho;
e Ir. Cláudio Aparecido Teixeira, C.Ss.R

22

Jean Cardoso Carvalho é seminarista redentorista, candidato à Irmão. Está na etapa no pré-noviciado. Reside no Seminário São Geraldo, em Sorocaba (SP).



Ir. Cláudio Aparecido Teixeira tem 24 anos de profissão religiosa. Atualmente reside em Aparecida (SP), no Seminário Santo Afonso, onde trabalha como promotor vocacional.



Depoimento De Um Vacionado

Davi Pereira Borges

24

Nasceu aos 24 dias do mês de março do ano de 1967, na cidade de Campos Gerais/MG. Passou pelo Seminário Santo Afonso nos anos de 1982 e 1983, retornando em 1986 até 1987. Casado, Advogado, especializado em direito criminal, militante na comarca de Alfenas/MG.



Missão Mindu e os Santos de Rua

Nelson José de Castro Peixoto

26

Nelson José de Castro Peixoto fez seminário e em 1962 a 1969 e em 1970, o Noviciado. Ordenação Presbiteral em 1976 com vida missionaria até 1991, sendo os últimos 4 anos como formador. Hoje, segue sua vida atuando como ativista dos direitos dos idosos e questões ambientais.



Ex-seminaristas Redentoristas, Associados da UNESER, Ordenados Diáconos Permanentes

José Roberto Staliano

29

José Roberto Staliano é Pós-graduado em Administração de Empresas, aposentado após 29 anos na área de Recursos Humanos de empresas como Grupo Abril, Casa da Moeda do Brasil, Banco Itaú, Cerâmica Inca, Indústria de Aniagem CATA e Grupo Mesbla. E como Representante Comercial na empresa Greenwood durante 6 anos. Na UNESER exerceu dois mandatos de Presidente, dois mandatos de Secretário. Na comunidade da Igreja de Nossa Senhora do Retiro colaborou sempre nas atividades sociais, sendo um dos fundadores do Terço dos Homens da Paróquia. Participou das Missões leigas promovidas pela UNESER em Gonçalves-MG e Tietê- SP.

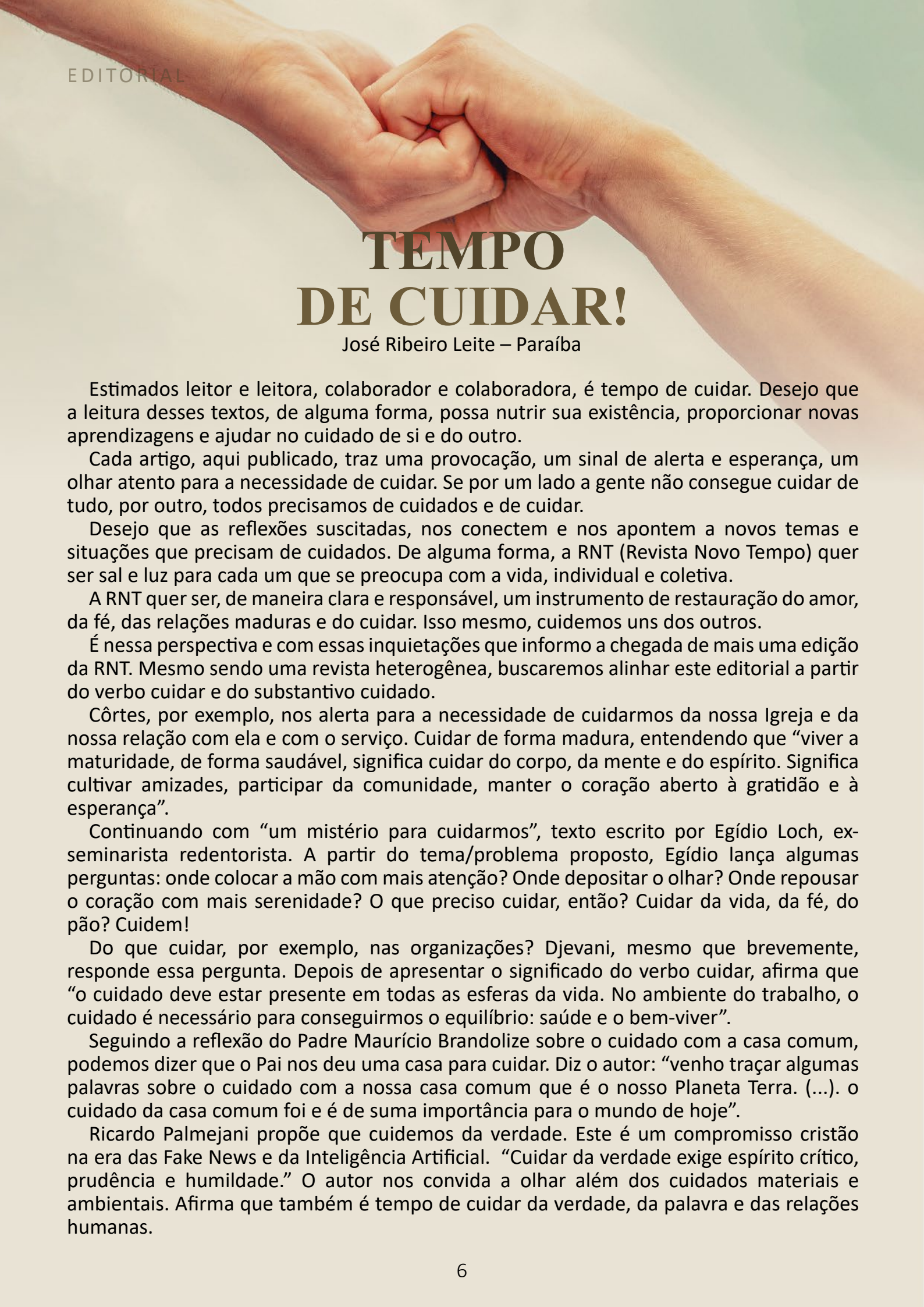


Tempo de Acolher e de Cuidar

Diácono Vicente Ferreira Nunes

33

Diácono Vicente nasceu em São Bento do Sapucaí, SP, em 1964 e cresceu em São Jose dos Campos, SP. Foi admitido no Seminário Redentorista Santo Afonso em 1986, permanecendo lá por menos de um ano. É casado com Marlene Nazário Nunes, tem dois filhos: Gustavo Nazário Ferreira Nunes e Giovanni Nazário Ferreira Nunes. Foi admitido na Ordem Terceira do Carmo em 1996; Ministério Extraordinário Comunhão, Exéquias e Bênção, 2007; frequentou a Escola Diaconal, 2005 a 2010; admissão as Ordens Menores (Leitorado e Acolitado) em 2019. Ordenação Diaconal em 2021, Diocese de São Jose dos Campos. Cooperador na Paroquia Matriz de São Jose, 2021.



TEMPO DE CUIDAR!

José Ribeiro Leite – Paraíba

Estimados leitor e leitora, colaborador e colaboradora, é tempo de cuidar. Desejo que a leitura desses textos, de alguma forma, possa nutrir sua existência, proporcionar novas aprendizagens e ajudar no cuidado de si e do outro.

Cada artigo, aqui publicado, traz uma provocação, um sinal de alerta e esperança, um olhar atento para a necessidade de cuidar. Se por um lado a gente não consegue cuidar de tudo, por outro, todos precisamos de cuidados e de cuidar.

Desejo que as reflexões suscitadas, nos conectem e nos apontem a novos temas e situações que precisam de cuidados. De alguma forma, a RNT (Revista Novo Tempo) quer ser sal e luz para cada um que se preocupa com a vida, individual e coletiva.

A RNT quer ser, de maneira clara e responsável, um instrumento de restauração do amor, da fé, das relações maduras e do cuidar. Isso mesmo, cuidemos uns dos outros.

É nessa perspectiva e com essas inquietações que informo a chegada de mais uma edição da RNT. Mesmo sendo uma revista heterogênea, buscaremos alinhar este editorial a partir do verbo cuidar e do substantivo cuidado.

Côrtes, por exemplo, nos alerta para a necessidade de cuidarmos da nossa Igreja e da nossa relação com ela e com o serviço. Cuidar de forma madura, entendendo que “viver a maturidade, de forma saudável, significa cuidar do corpo, da mente e do espírito. Significa cultivar amizades, participar da comunidade, manter o coração aberto à gratidão e à esperança”.

Continuando com “um mistério para cuidarmos”, texto escrito por Egídio Loch, ex-seminarista redentorista. A partir do tema/problema proposto, Egídio lança algumas perguntas: onde colocar a mão com mais atenção? Onde depositar o olhar? Onde repousar o coração com mais serenidade? O que preciso cuidar, então? Cuidar da vida, da fé, do pão? Cuidem!

Do que cuidar, por exemplo, nas organizações? Djevani, mesmo que brevemente, responde essa pergunta. Depois de apresentar o significado do verbo cuidar, afirma que “o cuidado deve estar presente em todas as esferas da vida. No ambiente do trabalho, o cuidado é necessário para conseguirmos o equilíbrio: saúde e o bem-viver”.

Seguindo a reflexão do Padre Maurício Brandolize sobre o cuidado com a casa comum, podemos dizer que o Pai nos deu uma casa para cuidar. Diz o autor: “venho traçar algumas palavras sobre o cuidado com a nossa casa comum que é o nosso Planeta Terra. (...). o cuidado da casa comum foi e é de suma importância para o mundo de hoje”.

Ricardo Palmejani propõe que cuidemos da verdade. Este é um compromisso cristão na era das Fake News e da Inteligência Artificial. “Cuidar da verdade exige espírito crítico, prudência e humildade.” O autor nos convida a olhar além dos cuidados materiais e ambientais. Afirma que também é tempo de cuidar da verdade, da palavra e das relações humanas.

Quem cuida de quem? O invisível trabalho de acolher uma criança. Com este título e subtítulo, Tomé Hitalo, padre casado, analisa a complexidade do cuidado nos Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA). O cuidado, aqui, é pensado e requerido duplamente: cuidar das crianças e dos cuidadores. Quem cuida de quem e do que cuidar.

Escutem! Agosto, mês vocacional, mês do chamado, da escuta e da resposta. Deus continua nos chamando e Santo Afonso permanece nos inspirando. Uma coisa é certa, é preciso cuidar. Resta saber de quem e do quê? Para onde e para quê somos chamados a cuidar?

Nesse contexto, Jean Cardoso Carvalho e o Ir. Cláudio Aparecido Teixeira, C.Ss.R, dedicam parte de suas vidas ao cuidado do Secretariado Vocacional Redentorista e das vocações redentoristas. Esses autores com linguagem simples, clara e objetiva, demonstram que o discernimento vocacional é complexo e por isso carece de muitos cuidados, do início ao fim.

Davi Borges exemplifica a complexidade do discernimento vocacional. No seu texto constam algumas colocações que podem até ser entendidas como falta de cuidados. Embora o autor esteja realizado com a família que constituiu e com a profissão, carrega a crença de que seria um bom padre. O que aconteceu? Teria sido falta de cuidados? O que não foi bem cuidado?

Inserido e empenhado em diversas atividades na igreja de Manaus, Nelson Peixoto escreveu sobre a missão mindu e os santos de rua, experiência de “ex-seminaristas, ainda poucos, que se juntaram com leigos, que ainda não conheciam o coração missionário de Santo Afonso, entre os mais necessitados, para tornar viva a memória do cuidado para com os pobres do Reino”.

Temos, também, o texto elaborado por Staliano, fruto de uma pesquisa documental, que reúne diversos ex-seminaristas redentoristas, associados da UNESER, ordenados Diáconos Permanentes. Vale ressaltar que a área de atuação do diácono permanente, atualmente, é muito ampla, já não se resume aos cuidados com órfãos e viúvas.

A amplitude da atuação cuidadosa do diácono permanente, também, pode ser vista no texto do Diácono Vicente Ferreira, tempo de acolher e de cuidar. Vicente conclui que “cuidar é participar da própria missão de Cristo: procurar quem se perdeu, fortalecer quem desanimou e anunciar, com a vida, que o amor de Deus continua sendo a maior fonte de esperança para a humanidade”.

A cada um que ajudou a cuidar dessa edição da RNT, meus agradecimentos.



**“EU CUIDO DE VOCÊ,
VOCÊ CUIDA DE MIM,
DEUS CUIDA DE NÓS”.**



A ALEGRIA DE SERVIR

Jonival Ferreira Côrtes, Goiano.

**“Felizes os não violentos, porque
receberão a terra como
herança” (Mt,5,5)**

Família UNESER, (Ex-seminaristas, padres casados, Irmãos Casados, Diáconos, simpatizantes, apoiadores e apoiadoras, pessoas de bem!).

Amigos e Amigas da UNESER, chegamos até você com mais uma Revista Nosso Tempo. É um esforço da equipe de comunicação para trazer um pouco do que cada um está fazendo e pensando por este país afora. A Igreja Católica (não só) tem vivido momentos de turbulência, especialmente, nos últimos meses com a excomunhão de alguns de seus membros por desobediência. Imagino que não tenha sido uma decisão fácil, pois nenhuma mãe se alegra em excluir um filho de casa.

Por isso, neste pequeno texto de abertura da Revista, quero refletir e convidar, cada um e cada uma, a colocar-se a serviço. Esta é uma Família madura, que já viveu e vivenciou muitas transformações em nossa Igreja e em nossa Congregação. Alguns privilegiados já estão no oitavo Papa, da missa em latim à missa do vaqueiro. Foram vivências, aprendizados e nos mantivemos firmes na obediência aos Princípios de nossa Igreja. Então, vamos continuar esse legado.

Chegar à maturidade é um privilégio. É sinal de uma história construída com desafios, conquistas, lágrimas e alegrias. Cada etapa vivida deixou marcas, ensinamentos e uma sabedoria adquirida em várias escolas (Família, seminário, universidade, trabalho, viagens e muito mais). O Evangelho nos recorda que a vida não perde o sentido com o passar dos anos. Ao contrário, ela ganha profundidade. Tudo o que aprendemos pode se transformar em dom para os outros.

Jesus nos ensina: “Vós sois a luz do mundo”. (Mateus 5,14). A luz não deixa de iluminar porque o tempo passou; ela continua brilhando enquanto permanece acesa. Assim também acontece com quem coloca sua experiência a serviço do bem comum. A maturidade é tempo de partilhar. Há pessoas que precisam de uma palavra de esperança, de um conselho prudente, de uma visita amiga, de uma escuta atenta. Pequenos gestos podem transformar vidas.

Tenho certeza de que você se lembra destes versos do Pe. Zezinho:

“Um certo dia, à beira-mar/ Apareceu um jovem galileu/ Ninguém podia imaginar/ Que alguém pudesse amar/ Do jeito que Ele amava/ Seu jeito simples de conversar/ Tocava o coração de quem o escutava” (Pe. Zezinho, Um Certo Galileu).

Aliás, o próprio Cristo afirmou: “Há mais felicidade em dar do que em receber” (Atos

dos Apóstolos 20,35). Servir não é apenas fazer grandes obras; é oferecer o coração, o tempo, a presença e a esperança. Ninguém foi criado para viver sozinho. Deus nos chama à comunhão, ao encontro e ao pertencimento. A comunidade é o lugar onde somos acolhidos, onde aprendemos, ensinamos, celebramos e caminhamos juntos na fé.

São Paulo nos lembra: “Nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um é membro uns dos outros.” (Romanos 12,5). Cada pessoa possui um dom que faz falta quando deixa de ser colocado a serviço. Também escreve o apóstolo Pedro: “Cada um, conforme a graça que recebeu, ponha-se a serviço uns dos outros, como bons administradores da multiforme graça de Deus.” (1 Pedro 4,10).

Viver a maturidade de forma saudável significa cuidar do corpo, da mente e do espírito. Significa cultivar amizades, participar da comunidade, manter o coração aberto à gratidão e à esperança. A verdadeira juventude nasce da alegria de amar e de servir. Não há serviço menor, não há vida menor. Em tempos de relacionamentos líquidos, uma Família do tamanho da nossa é sinal de solidez.

A vida torna-se mais bela quando é compartilhada. A alegria cresce quando é dividida, e a esperança se fortalece quando caminhamos juntos. “Como são belos os pés do mensageiro, Que anuncia a paz, Como são belos os pés do mensageiro, Que anuncia o Senhor” (Pe. Zezinho). Por isso, nunca pense que sua missão terminou. Deus continua chamando você a fazer a diferença na família, entre os amigos, na Igreja e na sociedade.

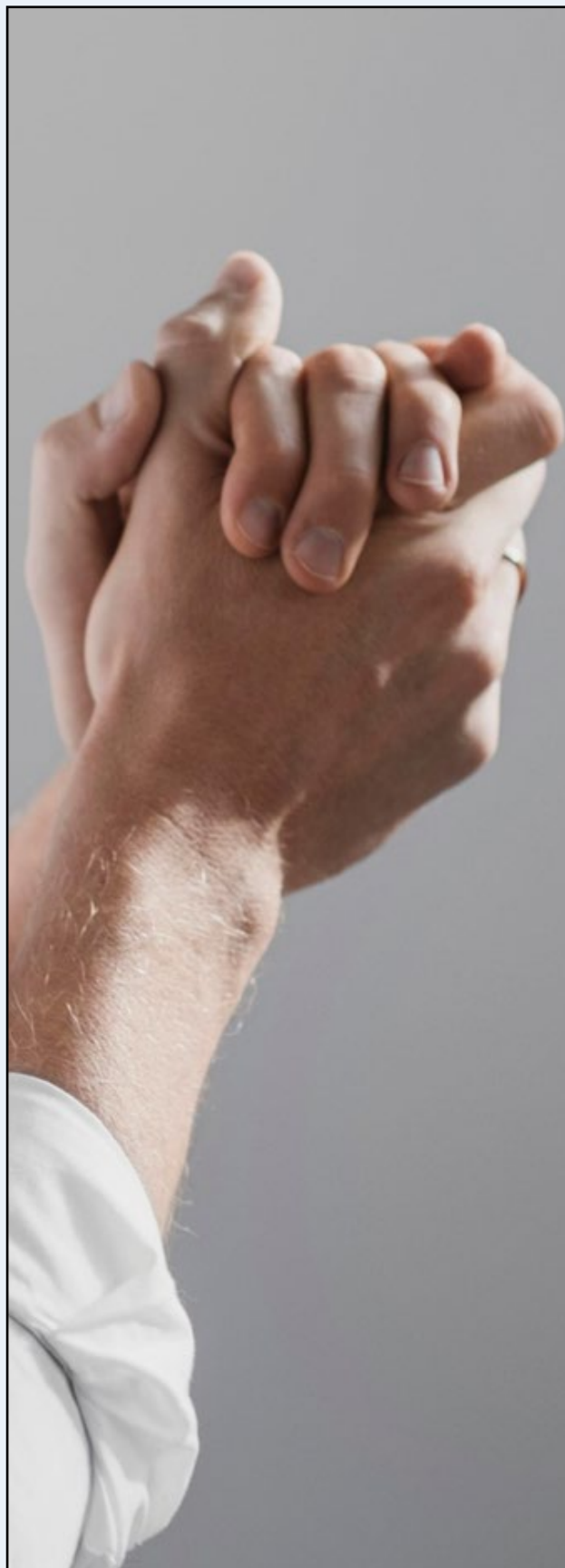
Como nos incentiva o apóstolo Paulo: “Sede firmes e perseverantes, sempre abundantes na obra do senhor, sabendo que, no senhor, o vosso trabalho não é em vão.”

(1 coríntios 15,58).

Queridos Amigos e Amigas, que cada novo dia seja uma oportunidade para agradecer pelo caminho já percorrido, de servir com generosidade, de fortalecer os laços com a comunidade e de testemunhar, com alegria, que a vida continua sendo um precioso dom de Deus.

Por isso, a unidade e o serviço nos chamam!

Abrços.



UM MISTÉRIO PARA CUIDARMOS

Egídio Loch

Na vastidão do existir humano no tempo, no espaço ou na interioridade, onde colocar a mão com mais coração com mais serenidade?

O que cuidar, preservar, reconstruir, recriar?

Parece um labirinto de pensamentos entre vontade, razão, imaginação, fé, eternidade.

E fixo o olhar na esperança, buscando sua origem e seguindo essa linha, tentando tocar o seu termo, mas o horizonte se esconde onde a inteligência significa pouco, e ali, logo após todas as medidas fugirem, repousa o que buscamos, embora não sejamos capazes sequer de vislumbrar esse lugar, sem lugar e sem tempo.

O que preciso cuidar, então?

Como um relâmpago, golfejo um suspiro de pensamentos como se toda minha vida pudesse ser colocada em minhas mãos que se erguem e quase tocam o invisível que me vê e me segura, conduz e me permite seguir, ainda que incerto no meio de tantas meias certezas.

Cuidar da vida.

Cuidar desse vaso fino, fraco, esfarelento, mas ainda assim, um templo onde o Senhor da eternidade busca descanso e se depara com a humanidade frágil e forte, pequena e grande para guardar Deus, egoísta e disposta a dar a vida por um amigo, cansada, mas disposta a caminhar mais uns passos com o peregrino solitário.

Insistimos, com todas as forças, para alcançar a outra margem tão logo sabemos que o Mestre está em alto mar e lá estará a nossa espera, ainda que não tenha chamado, e em tantos rostos O vemos humanamente tão divino.

Cuidar da fé.

Não precisamos ter a ambição de mover montanhas, mas sim a persistência de não desistir e acreditar que o Senhor pode fazer brotar água de uma pedra. É um mistério que tanto se explica e ainda permanece mistério.

Cuidar do pão.

Agora olho o pão, o seguro e como.

É preciso cuidar dessa comida, do banquete que ela se oferece em tantos altares e é sempre a mesma mesa, o mesmo lugar que vemos e lá participamos com nossa fé que o Cristo a nós estende a mão no arco do tempo, como a nos alcançar desde aquele lugar que nos viu, já nos tinha junto a si.

Vamos àquele cenáculo que ainda é o mesmo quando a humanidade caminha e se curva no mesmo gesto.

Assim, somos partícipes na reconstrução do mundo, da história, e vemos a criação surgindo do sopro, da fala, da fé que brota desse mistério de amor.

E esperamos, certos de que a esperança do que ainda não vemos, já tocamos de mãos erguidas e na procissão ousamos balbuciar:

Amém!

CUIDAR NAS ORGANIZAÇÕES

Djevani Antônio Alves de Jesus

Cuidar! Palavra que vem do latim cogitare, que significa “pensar, refletir, meditar”, a forma latina evoluiu para cuidado e cuidar em português, inicialmente, com o sentido de pensar em algo/ alguém, e finalmente, ao pensarmos em cuidar, pensamos em zelar, tratar e proteger.

O cuidado deve estar presente em todas as esferas da vida. No ambiente do trabalho o cuidado é necessário para conseguirmos o equilíbrio: saúde e o bem-viver.

Nos anos após pandemia, a atenção à saúde mental passou a ocupar um espaço de destaque. No ambiente organizacional, o número de afastamentos por doença relacionada à saúde mental (Burnout) cresceu 823% em quatro anos, conforme reportagem do G1.

A NR-1 (Norma Regulamentadora nº 1) é a norma que estabelece as disposições gerais de Segurança e Saúde no Trabalho (SST) no Brasil. Ela define conceitos, responsabilidades, estrutura e diretrizes. Esta norma foi alterada para contemplar os riscos psicossociais, porque o cenário, brasileiro e internacional, tornou evidente que a organização do trabalho pode adoecer. Seguem abaixo os principais motivos da alteração:

- * Crescimento acelerado dos afastamentos por transtornos mentais — Em 2025, a Previdência Social concedeu mais de 546 mil benefícios por incapacidade temporária, relacionados a transtornos mentais, o maior número da série histórica.

- * Pressão internacional da OIT e OMS — Em 2022, OIT e OMS publicaram diretrizes sobre saúde mental no trabalho, estimando que 12 bilhões de dias de trabalho são perdidos anualmente por depressão e ansiedade, gerando custo global de quase US\$ 1 trilhão em perda de produtividade.

- * Reconhecimento de que fatores organizacionais adoecem — A atualização reforça que metas abusivas, jornadas exaustivas, assédio, sobrecarga e falhas de comunicação são riscos ocupacionais, não “problemas pessoais” do trabalhador. A nova NR-1 deixa explícito que esses fatores precisam ser identificados, avaliados e controlados.

Diante deste cenário, como as empresas podem atuar na melhoria do ambiente de trabalho? Qual o impacto da liderança na construção de um ambiente que proporcione o bem-viver?

Destaco o livro da Médica do Trabalho, Dra. Ana Paulla Teixeira – “Quando o Trabalho Dói – Do Adoecimento Silencioso à Cultura de Bem-Estar”, obra que nos oferece caminhos e alternativas. Desde

relatos de casos até a apresentação de ferramentas que contribuirão para o diagnóstico do ambiente de trabalho.

As empresas devem repensar seu propósito com objetivo de equilibrar o atingimento das metas, e consequentemente o lucro e o bem viver de seus colaboradores. Seguem pontos a serem questionados na prática atual das organizações:

Modelos de gestão rígidos: Visam à máxima eficiência produtiva e econômica, paradoxalmente aumentam as chances dos estressores psicossociais, na medida em que restringem a autonomia das pessoas.

Contramedida aos modelos de gestão rígidos: Desenvolver um ambiente que possibilite relação humana, participação coletiva e engajamento criativo dos trabalhadores. O trabalho deixará de ser um sacrifício e se tornará uma atividade de dedicação ao propósito que convirja empresa e trabalhador.

Poder: Carliene Freitas da Silva, em sua tese de mestrado denominada “O poder nas organizações: um estudo preliminar a partir da percepção dos trabalhadores”. Os jogos de poder fragilizam as relações humanas, a estratégia de obter poder por meios indiretos aumenta a desconfiança e o cinismo no ambiente de trabalho, fazendo com que os trabalhadores se sintam inseguros e isolados.

Contramedida ao poder: Para superar esta situação, as organizações deverão proporcionar o desenvolvimento de algumas habilidades, dentre elas: Domínio das emoções; cultivar a paciência para tomada de decisão adequada a cada situação; capacidade de estudar e compreender as pessoas; glamorização do sofrimento no trabalho: alguns empresários e alguns líderes podem acreditar que para se atingir resultados é necessário chegar-se à exaustão e submeter-se a altos níveis de estresse, como um sinal de comprometimento e dedicação ao trabalho. No entanto, esse modelo é insustentável e deixa sequelas.

Contramedida à glamorização do sofrimento no trabalho: Estabelecer um método de acompanhamento e escuta, o que poderá gerar um ambiente de confiança e colaborativo.

Negligência: O empresário acredita que nada vai acontecer, que não haverá consequências ao modelo praticado de uma gestão rígida, que poderá gerar uma expectativa, falsa, que o trabalho árduo trará sucesso.

Contramedida à negligência: Os líderes devem se desenvolver para entender o impacto das decisões tomadas na saúde organizacional.

Inversão de valores ou ganância: O empresário tem em mente que “vale tudo para conseguir o sucesso”. Não se importa com quem será sacrificado nesse processo. Nesse cenário, a competição e o medo são estratégias utilizadas como alavancas para impulsionar a produtividade. O impacto no dia a dia do trabalhador é a insegurança e uma fonte de estresse.

Contramedida à inversão de valores ou ganância: Pensar a produtividade não como um fim e sim, como um meio e sem prejudicar a inovação e a criatividade, elementos vitais para o

sucesso e sustentabilidade da organização.

A liderança tem um papel fundamental para proporcionar um ambiente saudável e o gerenciamento das demandas do trabalho e a vida pessoal.

O cuidar, por parte dos líderes, consiste em uma liderança consciente e empática: Trazer os líderes à luz da consciência, de que as ações propositivas, a comunicação eficiente e atitudes coerentes, podem contribuir com um clima organizacional de respeito e apoio.

O desenvolvimento constante da liderança estimula um clima de respeito mútuo e apoio. O líder deverá atuar para reduzir a pressão do dia a dia ao trabalhador.

De acordo com Chartered Institute of Personnel and Development, seguem abaixo, os pontos a serem observados para redução da pressão no trabalho: Volume de trabalho; pressão por resultado; estilo de gestão do chefe; corte de gastos; reestruturação da empresa; insegurança no trabalho; relação com o chefe; dificuldades ou pressão na vida pessoal; relacionamento com colegas.

A seguir, estratégias para o desenvolvimento de liderança consciente e empática:

Promover, reconhecer e apoiar profissionais;

implementar avaliações 360 graus;

encorajar líderes seniores a modelar comportamentos conscientes e empáticos; estimular sessões onde líderes pratiquem a escuta ativa; manter uma agenda ativa de treinamentos, com pautas relacionadas à Saúde Mental no Trabalho.

Nestes mais de 30 anos em Recursos Humanos, através da observação nas empresas de segmentos e tamanhos diferentes, é possível afirmar que a liderança orientada para as relações e o suporte entre colegas, a capacidade de escutar, além de buscar o equilíbrio na esfera trabalho e a vida pessoal, reduz o estresse diário e garantirá a convergência entre o propósito da organização e o propósito pessoal.

Somente pessoas podem cuidar de pessoas e, neste sentido, o líder tem a missão de cuidar, primeiramente, de pessoas, pois pessoas felizes entregam mais e melhor.

Como afirma a Dra. Maria Neira, Diretora de Saúde Pública e Ambiental da Organização Mundial da Saúde (OMS):

*“A Riqueza de uma empresa
depende da Saúde dos trabalhadores.”*



Referência:

Teixeira, Ana Paulla. Quando o trabalho dói: do adoecimento silencioso à cultura de bem-estar. São Paulo: Ed AssédioNet, 2025.



O PAI NOS AMA E NOS DEU UMA CASA COMUM

Pe. Maurício Brandolize (CSSR)

“Olhem os pássaros do céu: eles não semeiam, não colhem, nem ajuntam em armazéns. No entanto, o Pai que está no céu os alimenta. Será que vocês não valem mais do que os pássaros?” (Mt 6,26)

“Zelo pela natureza”: eis aqui um tema tão falado e debatido, valorizado nas palavras, mas ainda muito desleixado pela humanidade. Sem maiores pretensões, venho traçar algumas palavras sobre o cuidado com a nossa casa comum que é o nosso Planeta Terra.

Na minha adolescência, aos 13 anos, ainda na década de 60, eu era aluno no Seminário Redentorista Santo Afonso, em Aparecida/SP. Lembro-me que, numa aula sobre bíblia (tendo como manual o volume “História Sagrada” (Ed. Vozes), o professor Pe. Luís Ítalo Zômpero me perguntou: “qual a passagem da bíblia que chama sua atenção, que você gosta?” E tive a sorte de me lembrar deste versículo acima citado, apesar do meu pouco conhecimento bíblico... E de fato, estas palavras de Jesus me acompanham na vida. Falam da bondade do Pai, falam do zelo do Criador pela natureza da qual todos nós fazemos parte.

Ontem e hoje

Os tratados sobre a percepção da humanidade sobre a Mãe Terra e o meio ambiente nos indicam que nos séculos passados já tão distantes de nós, os recursos da natureza eram mais valorizados. Os antigos respeitavam a natureza porque sua subsistência dependia totalmente dela. Mas a partir do século XIX, com o início da industrialização e da cultura consumista, intensifica-se a ambição humana e explode a ganância pelos recursos naturais.

Antes, vivia-se numa perspectiva de interdependência, onde a Terra era considerada sagrada e dela provinha a vida das pessoas. Era a mãe que alimentava a humanidade. Agora parece que a natureza passou a ser vista como “recurso” a ser dominado, explorado e transformado em mercadoria. Resultado: desmatamento, poluição e impactos climáticos.

O mal não é a industrialização, aliás, tão necessária. O negativo é o desleixo que a industrialização provoca com descarte, desperdício, lixo, produtos desnecessários e com desprezo da natureza. Ainda bem que uma reflexão voltada para a preservação da natureza está tomando conta de grande parte da sociedade.

Laudato Sì de Francisco

Entre tantas lembranças positivas que a Igreja Católica e o mundo têm sobre o saudoso Papa Francisco, sem dúvida estão seus escritos. E entre seus escritos e pronunciamentos, a Encíclica Laudato Sì, sobre o cuidado da casa comum, foi e é de suma importância para

o mundo de hoje. Publicada em maio de 2015, enfoca este assunto tão candente sobre o meio ambiente, alerta sobre a necessidade de um bom relacionamento entre as pessoas e das pessoas com a mãe natureza.

O próprio documento, no seu subtítulo, afirma que é um tratado sobre “O Cuidado com a Casa Comum”. Laudato Si é um marco global ao defender a ecologia integral, lembrando que tudo está ligado: os problemas ambientais e sociais não podem ser tratados separadamente. A ecologia humana e a ecologia ambiental caminham juntas. Ao mesmo tempo denuncia que o modelo econômico atual, baseado no descarte e na exploração irresponsável, destrói os recursos naturais e marginaliza as pessoas mais vulneráveis.

Semana Laudato Si’: Da Esperança à Ação

Com essa Carta Encíclica houve um despertar dentro da Igreja Católica e dentro da sociedade global. Com as consequências negativas já bastante notadas, com o aumento dos desastres ecológicos, o mundo se mobiliza para encontrar uma solução, apesar do poderio econômico que busca só o lucro imediato.

O tema ecológico está em voga. Todos somos chamados a preservar a natureza. A partir desse documento, outros “capítulos” precisam ser escritos, isto é, a reflexão deve levar a humanidade para a prática. Para isso foi instituída a “Semana Laudato Si’” que pretende ser uma força para ação em favor da ecologia.

A primeira celebração oficial da Semana Laudato Si’ ocorreu em maio de 2020, marcando o quinto aniversário desta encíclica do Papa Francisco. Dessa forma a Encíclica continua a ser escrita através das ações transformadoras de tantas pessoas que procuram integrar os valores e princípios da Laudato Si’ na sua vida diária e em seu ambiente.

A Semana Laudato Si’ 2026, realizada de 17 a 24 de maio, foi um convite bastante forte para “passar da esperança à ação”. O próprio Papa Francisco já insistia: “A esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas.” (LS 61)

Esperar não é ficar de braços cruzados e ver acontecer. Não é passividade. É ação. Já foi dito, a Laudato Si tem que continuar a ser escrita através de nossas ações. A conversão ecológica acontece e cresce passo a passo em nossas atitudes humanas, no seguimento do Cristo Redentor que nos convida a renascer a cada dia. Jesus veio nos dar vida em abundância (cf. Jo 10,10). E seguindo os passos do Redentor cada ser cristão tem a missão de sustentar esta vida e colocar a sua vida a serviço da vida, principalmente aos mais necessitados.

Na Arquidiocese de Goiânia

Sou de Tietê, mas vivo em Goiânia e Trindade desde 1980. Permita-se fazer uma alusão a um trabalho organizado, no ano de 2025, pela equipe Missão Arquidiocesana Laudato Si. Trata-se de uma pesquisa sobre ações ecológicas acontecidas nas paróquias e comunidades da Arquidiocese de Goiânia. Tais ações foram inspiradas no contexto do Ano Jubilar 2025 (Peregrinos de Esperança), nos 800 anos do Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis, nos 10 anos da Laudato Si,, na COP 30, na Campanha da Fraternidade/2025 (Fraternidade e Ecologia Integral).

Nesse contexto, a Equipe Arquidiocesana promoveu ações pelas comunidades como: encontros de formação sobre a Ecologia Integral; debates públicos; encontros formativos sobre a Encíclica Laudato Si; evangelização ecológica nos Vicariatos, Foranias, Paróquias e Comunidades priorizando grupos de catequese e juventude; incentivo à coleta seletiva. Dessas realizações surgiu uma publicação num volume com o título “O Cuidado com a Casa Comum – balanço ambiental Arquidiocese de Goiânia”.

Na apresentação da obra, o Arcebispo de Goiânia, Dom João Justino, assim se expressou: “...o presente Balanço Ambiental Arquidiocesano deseja apontar para o testemunho profético da Igreja em Saída, a fim de avançarmos corajosamente rumo às ‘águas mais

profundas' (Lc 5,4) e a nos irmanarmos na ampla mobilização dos homens e mulheres de boa vontade, pelo cuidado para com todas as criaturas e com o Planeta Terra, obra do Criador". A obra revelou que a "esperança de um mundo novo já está acontecendo em muitas ações".

Deus viu que tudo era muito bom

"Tal pai, tal filho". Este provérbio deve ser aplicado de maneira toda especial, entre o Pai Criador e nós seus filhos e filhas. "No princípio Deus criou o céu e a terra" (Gn 1,1), é a primeira frase da Bíblia. E "Deus viu que tudo era muito bom" (Gn 1,31). "Tal Pai, tal filho", então somos também "criadores e mantenedores" do planeta terra. "E Deus abençoou o homem e a mulher e lhes disse: 'Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra: dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra'" (Gn 1,28).

Ledo engano interpretar este "domínio" sobre a natureza e seres vivos como se a humanidade pudesse fazer do planeta o que quisesse, explorando de maneira selvagem e devastando a natureza ao seu bel prazer. Ao contrário, "Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o cultivasse e guardasse"(Gn. 2,15). Eis a missão do homem e da mulher: "cultivar e guardar a natureza", uma questão muito bem desenvolvida na Campanha da Fraternidade de 2025 com o tema Fraternidade e Ecologia Integral e lema "Deus viu que tudo era muito bom" (Gênesis 1,31).

Finalizo este simples escrito, afirmando mais uma vez que o Papa Francisco, com sua Carta Encíclica, nos convocou para uma mudança ética e espiritual em nosso comportamento em relação com a natureza e, é claro, entre nós mesmos, os seres humanos. E a Igreja aqui no Brasil continua neste caminho de anunciar a boa notícia de que devemos zelar pela natureza, e para isso convida à conversão ecológica promovendo a conscientização e ações concretas para a preservação do meio ambiente, a tal ponto que também nós, filhos e filhas do Criador, possamos "ver que tudo é muito bom".



Referências

ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA: O Cuidado com a Casa Comum – Balanço ambiental Arquidiocesano 2025.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 2004.

CASA COMUM (cuidar de si, do outro e do planeta). Revista: Nº 10 jul/ago/set 2024.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Laudato Si': Sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.

REZENDE COSTA, JOÃO: Abbá! Pai! O Deus de Jesus é diferente. Goiânia: Editora Redentorista, 2025.

TEMPO DE CUIDAR: A VERDADE COMO COMPROMISSO CRISTÃO

*na Era das Fake News e
da Inteligência Artificial*

Ricardo Palmejani

Vivemos um tempo marcado pela velocidade da informação. Nunca foi tão fácil comunicar, compartilhar ideias e produzir conteúdos. Ao mesmo tempo, nunca foi tão difícil distinguir a verdade da mentira. As chamadas fake news, a manipulação de imagens, vídeos e vozes por meio da inteligência artificial e a rápida disseminação de conteúdos, nas redes sociais, exigem, de cada pessoa, um cuidado maior. Cuidar, hoje, significa também cuidar da verdade, da reputação das pessoas e da responsabilidade com aquilo que lemos, acreditamos e compartilhamos.

As redes sociais transformaram qualquer cidadão em um potencial produtor e divulgador de informações. Infelizmente, muitos conteúdos são compartilhados sem qualquer verificação. Notícias falsas influenciam opiniões políticas, alimentam conflitos religiosos, destroem reputações e dividem famílias e comunidades. Muitas vezes, basta um clique para que uma mentira alcance milhares de pessoas.

Esse cenário tornou-se ainda mais delicado com o avanço da inteligência artificial. Ferramentas capazes de reproduzir vozes, criar imagens extremamente realistas e gerar vídeos falsos desafiam nossa capacidade de reconhecer o que é verdadeiro. A tecnologia, em si, não é boa nem má; tudo depende do uso que fazemos dela. Quando utilizada de maneira ética, pode contribuir para a educação, a saúde e a comunicação. Porém, empregada para enganar, manipular ou difamar pessoas, torna-se uma ameaça à convivência social e ao respeito pela dignidade humana.

Diante dessa realidade, torna-se atual recordar um ensinamento atribuído ao filósofo Sócrates: o princípio das Três Peneiras. Antes de transmitir uma informação, seria necessário submetê-la a três perguntas: é verdadeira? É boa? É útil? Se a informação não passa por essas três peneiras, talvez seja melhor não divulgá-la. Independentemente do debate histórico sobre a origem exata desse relato, sua mensagem possui grande valor ético. Em uma sociedade marcada pela pressa e pela superficialidade, esse critério continua sendo um excelente exercício de responsabilidade.

A sabedoria das Três Peneiras encontra profunda sintonia com o ensinamento bíblico. Jesus afirma: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8,32). A verdade não é apenas uma informação correta; ela é fundamento da liberdade e da confiança entre as pessoas.

O apóstolo Paulo também orienta: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra que cause dano, mas somente a que for útil para edificar” (Efésios 4,29). Em tempos de redes sociais, essa recomendação vale, igualmente, para aquilo que escrevemos, comentamos e compartilhamos.

A Carta de Tiago oferece outro ensinamento atual ao recordar que a língua, embora pequena, pode provocar grandes estragos (Tiago 3,5-10). Hoje, poderíamos dizer que um teclado ou um telefone celular também possuem esse poder. Uma mensagem irresponsável pode destruir a honra de uma pessoa em poucos minutos.

Cuidar da verdade exige espírito crítico, prudência e humildade. É necessário verificar as fontes, desconfiar de conteúdos sensacionalistas, respeitar opiniões diferentes e evitar compartilhar aquilo cuja veracidade não foi confirmada. Mais do que dominar as novas tecnologias, precisamos desenvolver uma consciência ética para utilizá-las em favor da vida, da justiça e do bem comum.

Considerações Finais

O tema “Tempo de Cuidar” convida-nos a olhar além dos cuidados materiais e ambientais. É , também, tempo de cuidar da verdade, da palavra e das relações humanas. Em uma sociedade profundamente conectada, cada pessoa torna-se corresponsável pelo ambiente informacional que ajuda a construir.

Como cristãos e cidadãos, somos chamados a promover a verdade, o respeito e o discernimento. Antes de compartilhar qualquer conteúdo, vale recordar as Três Peneiras de Sócrates e os ensinamentos do Evangelho. Talvez esse simples exercício seja um dos maiores cuidados que podemos oferecer ao próximo e à sociedade, nos dias atuais.

Referências:

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.

KAKUTANI, Michiko. A Morte da Verdade: Notas sobre a Falsa Realidade na Era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, diversas edições.





QUEM CUIDA DE QUEM? O INVISÍVEL TRABALHO DE ACOLHER UMA CRIANÇA

Tomé Hítalo

O autor nasceu em Cruzília em 1963 e cresceu em São Tomé das Letras (MG); possui uma trajetória dedicada às ciências humanas e ao desenvolvimento de projetos sociais; é bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e graduado em Teologia pelo Instituto Teológico São Paulo (ITESP); dedicou parte de sua trajetória ao ministério presbiteral. Durante esse período, atuou em comunidades de periferia na região do Grande ABC (Mauá e Diadema), no Santuário Nacional de Aparecida e na Cidade Tiradentes (SP), onde exerceu as funções de pároco, superior de comunidade e formador. A partir de 2010, redirecionou sua atuação profissional para o terceiro setor e a docência, atuando como professor de filosofia, assessor político e gestor em organizações sociais. Paralelamente, expandiu sua formação acadêmica e técnica com pós-graduações em Filosofia da História e em Gestão de Pessoas, além de formações em Psicanálise, Programação Neurolinguística (PNL) e Tecnologia em Gastronomia. Atualmente, reside em Pouso Alegre (MG), é casado com Mereci, pai de dois filhos e atua como gerente de três casas de acolhimento para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O presente artigo deriva diretamente de sua experiência prática e das inquietações cotidianas da gestão social, com foco nos desafios de formação e suporte aos educadores sociais que atuam na linha de frente do acolhimento institucional.

Resumo

Este ensaio analisa a complexidade do cuidado nos Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA). Discute-se o papel do educador social como o primeiro receptor do trauma infantil. Embora lidem com demandas emocionais profundas, esses trabalhadores contam apenas com o ensino médio e o senso comum. O estudo aborda a sobrecarga da equipe técnica, a insuficiência das formações e o fenômeno da transferência psíquica. Conclui-se que o suporte em saúde mental do cuidador é urgente para garantir a sustentabilidade do acolhimento.

Palavras-chave: Acolhimento Institucional; Educador Social; Psicanálise; Cuidado do Cuidador.

1. Introdução: O Deságue do Trauma na Linha de Frente

Imagine a cena: uma criança de sete anos chega a um abrigo público após ser retirada

da família por sofrer violência crônica. Ela chora, quebra objetos, recusa a comida e grita que odeia o mundo. Quem a recebe na sala daquela casa não é um terapeuta com anos de doutorado ou um analista experiente, mas sim um educador social — alguém que tem apenas o ensino médio completo e recebe um salário modesto para cobrir plantões exaustivos de doze ou vinte e quatro horas. É na pele desse trabalhador que o trauma da infância deságua primeiro. É ele quem limpa o choro, tenta acalmar o corpo trêmulo e escuta as primeiras manifestações da dor.

Esse cenário real ilustra a rotina dos Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA). O acolhimento é uma medida protetiva excepcional do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Contudo, por trás da engrenagem jurídica, existe uma dimensão subjetiva profunda. Os meninos e as meninas chegam a essas instituições por falta de cuidados básicos de suas famílias. Paradoxalmente, o sistema coloca na linha de frente, profissionais sem qualificação técnica avançada. Surge a questão: no limite da vulnerabilidade, quem cuida de quem?

2. O Educador Social e o Saber do Senso Comum

O cotidiano de um SAICA exige respostas imediatas para crises complexas. Os educadores sociais gerenciam o ambiente da casa, oferecendo alimentação, higiene e suporte afetivo. No entanto, o perfil desses trabalhadores revela um descompasso estrutural. Em sua maioria, possui apenas o segundo grau completo. Seus repertórios de intervenção derivam do senso comum e de suas próprias experiências de vida familiar.

A falta de um arcabouço teórico formal não anula a relevância do seu trabalho, mas o torna vulnerável. Diante de demandas severas — como automutilação ou explosões de raiva —, o senso comum rapidamente falha. O educador se vê desarmado diante da repetição do trauma da criança. Sem recursos para decodificar o que a agressividade do infante representa, o profissional responde a partir de suas próprias defesas psíquicas. O trabalho, que deveria ser de acolhimento, pode se transformar em um espaço de esgotamento e adoecimento mútuo. As demandas diárias são tantas que os cuidadores frequentemente esquecem-se de si mesmos.

3. O Espelho Invertido: Transferência e o Sofrimento da Equipe

Do ponto de vista psicanalítico, a relação entre o acolhido e o cuidador é marcada por mecanismos de transferência e contratransferência. A criança projeta no educador as figuras parentais falhas ou abusivas de sua história. Ela testa os limites desse novo cuidador, provocando-o para verificar se ele também irá abandoná-la. O educador é capturado por essa dinâmica. Ao ouvir histórias desestruturantes de abuso e abandono, o colaborador frequentemente descompensa, absorvendo a dor do infante.



Esse impacto gera um reflexo severo na equipe técnica da instituição. Geralmente composta por poucos psicólogos e assistentes sociais, ela precisa se desdobrar. Suas atribuições envolvem relatórios para o Judiciário e articulação com a rede de saúde. No entanto, o cotidiano impõe uma demanda extra e invisível: dar o ombro ao colaborador em crise. O espaço que deveria ser destinado ao planejamento estratégico dos casos é engolido pela urgência de acolher o trabalhador que colapsou ao ouvir as vivências dos infantes.

4. Os Limites da Gestão e da Formação Continuada

Na qualidade de coordenador e gerente geral desse microssistema, a busca por estratégias de fortalecimento institucional é contínua. A implementação de formação continuada busca qualificar o olhar do educador social, transformando o saber empírico em um saber técnico-afetivo. Essa formação tenta introduzir noções de desenvolvimento infantil, direitos humanos e manejo de crises.

Todavia, a prática revela que a formação teórica muitas vezes parece insuficiente. O conhecimento intelectualizado não dá conta do momento exato em que a angústia da criança invade o plantão na madrugada. A alta rotatividade dos funcionários, decorrente dos baixos salários e do desgaste físico, sabota a continuidade dos processos. O gestor enfrenta o dilema de tentar construir uma cultura de cuidado em um terreno arenoso, onde as ferramentas parecem paliativas diante da imensidão do sofrimento social que bate à porta do serviço.

5. Conclusão: Por uma Ética do Cuidado Circular

A análise do acolhimento institucional demonstra que o cuidado não pode ser uma via de mão única. Para que uma criança traumatizada possa ser efetivamente cuidada, o sujeito que cuida precisa estar sustentado por uma rede de suporte psíquico. O esquecimento de si é o primeiro passo para o esgotamento profissional e para a desumanização do atendimento.

É fundamental superar a lógica que enxerga o educador social como um mero cumpridor de tarefas domésticas. Ele é um agente de saúde mental na vida real. Pensar a sustentabilidade dos SAICAs exige investimentos urgentes em políticas públicas que garantam a supervisão clínica contínua das equipes e salários dignos. A pergunta “quem cuida de quem?” não deve encontrar o silêncio. O cuidado precisa ser circular: o Estado cuida da instituição, a equipe técnica cuida do educador, e este ganha as condições psíquicas para acolher e transformar o destino da infância vulnerável.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990.

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Aborda teoricamente o “cuidado de si”).

WINNICOTT, Donald Woods. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed, 2005. (Fornece a base teórica psicanalítica sobre ambiente acolhedor/holding).

ZAMBENEDE, G.; SILVA, R. O educador social em serviços de acolhimento: desafios da prática. Revista de Ciências Sociais, v. 12, n. 2, p. 45-62, 2021.

[16:35, 29/07/2026] Mali Profa: Boa tarde.

O CUIDADO COM AS VOCAÇÕES REDENTORISTAS

*Jean Cardoso Carvalho; e
Ir. Cláudio Aparecido Teixeira, C.Ss.R*

Quando falamos de vocação, lembramos da etimologia da palavra, que vem do latim “Vocare”, que significa chamado, convite. Deus desperta no coração de um jovem o convite para segui-lo nas mais variadas frentes de atuação da Igreja. Ou seja, nada mais é do que reconhecer, a partir de um rico discernimento, qual é o meu papel no anúncio do Reino de Deus, um compromisso que atinge a todos os cristãos batizados. Entretanto, isso não significa que a vida do jovem seja ser padre, religioso ou religiosa. Na Igreja, há diferentes lugares, diferentes carismas, como, por exemplo, a vocação ao matrimônio. É da família que nascem as demais vocações.

Quando falamos do chamado à vocação redentorista, não estamos falando apenas de um jovem que demonstra interesse pela vida religiosa ou manifesta o desejo de ingressar na Congregação do Santíssimo Redentor, mas falando de uma pessoa com uma história, uma família, que traz consigo sonhos, alegrias, feridas e muitas dúvidas. Por isso, antes de mais nada, desde o primeiro contato do vocacionado (jovem que opta por iniciar o seu discernimento vocacional), o trabalho do Secretariado Vocacional precisa levar o jovem a experimentar o cuidado humano em todas as suas dimensões, levando-o a perceber nestes gestos o amor do Santíssimo Redentor.

Em grande parte dos momentos, o que leva o jovem ao primeiro contato com o Secretariado Vocacional Redentorista são as mensagens pelas redes sociais, uma conversa após uma celebração ou até mesmo por uma indicação de alguém que percebeu nele sinais de uma possível vocação. Esse primeiro momento é muito importante, pois um acolhimento simples, fraterno e respeitoso pode marcar profundamente a vida de quem está iniciando um processo de discernimento. Antes de apresentar estruturas, etapas e exigências, é necessário acolher a pessoa, fazendo-a sentir-se amada e acolhida.

Ao longo deste processo, os encontros promovidos pelo Secretariado Vocacional, geralmente realizados nas casas de formação da Província Nossa Senhora Aparecida, tornam-se espaços privilegiados para que o jovem conheça mais de perto a vida e a missão dos Missionários Redentoristas. Mais do que contar a história da Congregação, esses encontros ajudam o vocacionado a fazer sua experiência com Aquele que o chama, por meio de sua consciência inquieta, pois é justamente na convivência, na oração partilhada, nos momentos de formação e nos diálogos informais que muitas perguntas encontram respostas e muitos medos são superados.

Entretanto, só esses momentos não são suficientes e não substituem o acompanhamento pessoal, pois cada vocação possui seu próprio ritmo e sua própria história: Deus chama cada um com suas qualidades e fragilidades.

Há jovens que chegam com grande clareza sobre aquilo que desejam, outros necessitam de mais tempo para compreender o que Deus lhes pede. Por isso, o acompanhamento próximo e constante, ainda que alguns sejam de lugares mais afastados, é uma das maiores demonstrações de cuidado que a Congregação, por meio dos promotores vocacionais, pode oferecer aos jovens. Escutar, orientar e caminhar juntos faz parte da missão daqueles que trabalham na animação vocacional.

Outro ponto importantíssimo no acompanhamento e no cuidado com os vocacionados é a presença dos psicólogos junto ao Secretariado Vocacional Redentorista. Tal acompanhamento não deve ser visto apenas como um instrumento de avaliação, mas como uma oportunidade de autoconhecimento e crescimento humano, de como cada candidato, a partir de sua história e sua personalidade, pode corresponder ao chamado do Senhor.

O acompanhamento perdura depois do ingresso do candidato no Seminário, e em alguns casos, após a profissão religiosa na Congregação, pois a vida religiosa exige maturidade afetiva, capacidade de relacionamento, equilíbrio emocional e abertura para viver em comunidade. Nesse sentido, o olhar profissional da psicologia auxilia o jovem em sua caminhada vocacional a compreender melhor a si mesmo e o meio em que vive.

Outro aspecto que merece atenção especial é a família do vocacionado: nenhuma vocação nasce isoladamente, uma vez que cada jovem traz consigo os valores, as experiências e os vínculos construídos em seu ambiente familiar. Conhecer a realidade familiar ajuda a compreender melhor o jovem e permite que a Congregação construa uma relação de confiança com aqueles que acompanharam o seu crescimento desde os primeiros anos de vida.

Quando chega o momento de ingressar na formação redentorista, após o acompanhamento vocacional, o cuidado precisa continuar com a mesma intensidade. Entrar em uma casa de formação representa uma mudança significativa na vida do candidato: novos horários, novas responsabilidades, novos relacionamentos e uma nova dinâmica de vida. Por isso, é fundamental que os formandos encontrem comunidades acolhedoras e formadores dispostos a ajudar no discernimento dos jovens, acolhendo suas dificuldades e trabalhando em suas necessidades.

Diante de tudo isso, podemos afirmar que bons missionários não são formados apenas por meio dos estudos ou das atividades pastorais. Eles são formados, sobretudo, por meio de relações humanas saudáveis, de um ambiente fraterno e de pessoas que acreditam em seu crescimento. Cuidar da formação humana significa ajudar cada candidato a desenvolver suas potencialidades, enfrentar suas limitações e amadurecer sua resposta vocacional. Ou seja, cuidar das vocações é viver aquilo que o próprio Cristo viveu com seus discípulos: Jesus não chamou os perfeitos, mas chamou homens com histórias concretas e caminhou com eles pacientemente. Acompanhou seus avanços, compreendeu suas dificuldades e os ajudou a crescer.



Encontro Vocacional em Santa Bárbara d'Oeste

DEPOIMENTO DE UM VOCACIONADO

Davi Pereira Borges

Como todo ser vivente e racional sempre somos, ou em algum momento de nossas vidas, surpreendidos por pensamentos reflexivos acerca de eventuais erros ou acertos em nossa trajetória, e eles nos fazem meditar sobre como seria as nossas vidas em caso de decisões passadas que tivessem sido tomadas em diferentes rumos, e isso nos leva a um universo de memórias e pensamentos, às vezes bons, e noutras, ruins.

Hoje, revendo minha trajetória e julgando a pessoa que me tornei, posso afirmar, sem dúvidas, que eu era, de verdade, um vocacionado ao sacerdócio de Jesus Cristo.

Vejo em mim os sinais de que eu poderia trilhar, com simplicidade e sem qualquer sacrifício, a vocação de homem de Deus.

Entretanto, o destino assim não o quis!

Talvez por falta de orientação adequada que fosse capaz de podar os impulsos da juventude e até os desejos da carne, acabei por me desviar daquele caminho e trilhando outro, não menos importante e sagrado aos olhos do criador, penso eu!

Talvez em razão da humildade e simplicidade familiar tenha brotado a incapacidade de orientação precisa, e por isso mesmo acabei saindo do meu trilho primeiro, e numa daquelas encruzilhadas da vida, peguei rumo novo e parti em busca de algo que, naquela circunstância e ocasião, me pareciam as mais corretas, e por isso mesmo me dediquei a elas de corpo e alma, o que assim o faço até o presente momento.

Não paira qualquer arrependimento ou sentimento de pesar em razão dos rumos seguidos e das decisões tomadas, mas paira o sentimento de curiosidade para saber como poderia ter sido se decisão outra tivesse sido tomada.

Por outro lado, insta imaginar, e até mesmo acreditar, que a escolha não foi minha, mas sim tudo decorrente do propósito de Deus.

Sinto-me compelido a acreditar que, embora as escolhas feitas nas encruzilhadas da vida tenham sido só minhas, tudo foi sutil e detalhadamente preparado por Deus, que, na sua infinita sabedoria, já sabia que o meu caminho seria outro, ainda que necessário fosse que eu conhecesse e experimentasse situações diversas, e por isso mesmo tenha me feito passar pela experiência de seminário, como preparação e formação para algo diverso, realidade que vivencio, experimento e professo hoje.

Ora, o tempo de seminário foi maravilhoso! Mas por algum motivo não consegui ali progredir, e por isso, novos caminhos se abriram em meu horizonte, e de vocacionado a advogado de Deus para os pecadores na terra, acabei me tornando advogado de homens que buscam a justiça humana na terra, de modo particular na esfera penal e criminal!



Seria um plano de Deus? Creio que sim!

Tamanha foi a providência divina para tal impulso que, ao me preparar para a minha jornada segundo os desígnios de Deus, pude integrar, no ano de 1986, juntamente com o saudoso amigo Padre Edgard Ferrari, a equipe de pastoral carcerária diretamente no interior da cadeia pública de Aparecida/SP.

Ali pude aprender muito mais do que ensinar alguma coisa!

Conviver nos dias de sábado com os detentos daquela unidade prisional me ensinou a ver com outros olhos aqueles seres, e fez despertar em mim o caminho que, futuramente e depois da vivência no seminário, abriria no meu horizonte.

Vejo com tamanha clarividência a obra de Deus que se revelou em cada momento da minha vida, inclusive na minha vida familiar e, ainda mais evidente, na minha vida profissional como advogado militante na área criminal.

É exatamente neste ponto que surgem os grandes desafios, os quais me provocam a cada dia, e me faz despertar para a reflexão de como enfrenta-los e buscar saídas que possam minimizá-los, senão resolvê-los.

Vivemos momentos de grande turbulência política que afeta diretamente o sistema do judiciário e, ainda que como grão de areia num imenso deserto, sou uma pequena parte disso!

Penso ser atribuição de todos os cristãos assim declarados, a missão de aparar arestas sociais, quer seja para buscar a justiça, ou ainda que para minimizar o sofrimento de nosso semelhante.

E o direito penal não diverge disso!

Muitas são as mazelas sociais relacionadas ao tema!

Prisões lotadas! Seres humanos, nossos semelhantes, abandonados à própria sorte numa cela fria e malcheirosa dos estabelecimentos prisionais, sem qualquer respeito ou dignidade. E nós, ditos cristãos, o que temos feito para abrandar esse sofrimento?

Como advogado, cristão e pai de família, enfrento diariamente tais questões, para só depois disso, iniciar cada um dos meus dias de trabalho.

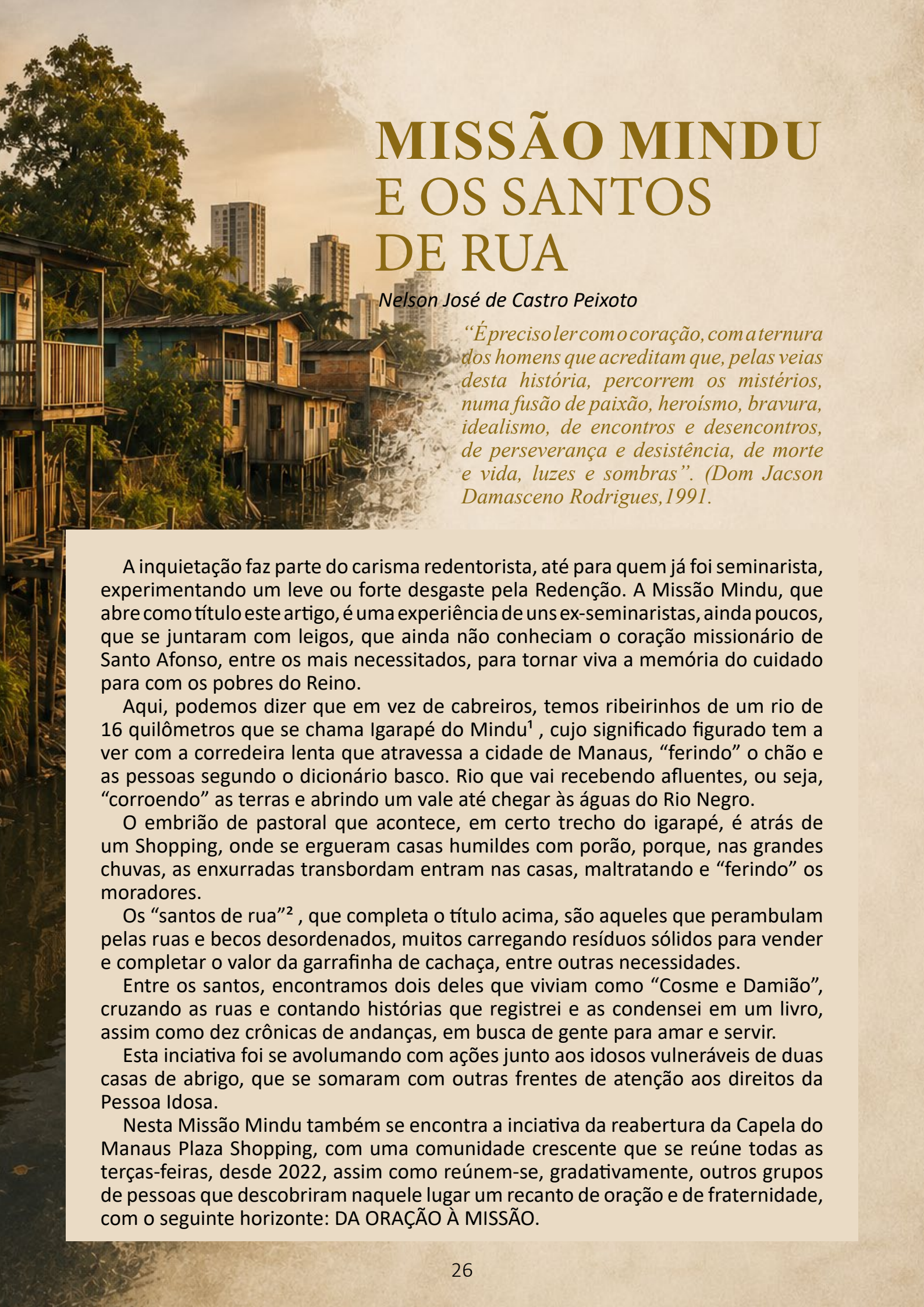
Tento fazer a minha parte!

Tento entregar aos que me confiam a defesa e cuidado processual, nó mínimo, respeito e dignidade, inclusive para com os seus familiares, que na verdade, são os que mais sofrem!

E procuro assim viver! Nada melhor do que ter a consciência tranquila ao recostar a cabeça no travesseiro para mais uma noite de repouso e descanso!

Pode ser que Deus tenha me possibilitado a oportunidade de vivenciar a experiência de seminário para me permitir aprender tanto com pessoas tão superiores, fazer amigos de verdade, pelos quais tenho total deferência e apreço e os levo para vida inteira, e com isso tenha eu me tornado pessoa um pouquinho melhor.

E mais, pode ser que Deus não me tenha escolhido para advogado dos seus pecadores, mas sim me tornar advogado dos contraventores sociais, para poder restaurar, ainda que minimamente, a dignidade daqueles que a mim confiam suas falências pessoais ou fraquezas de algum momento, o que busco sempre fazer no eterno combate para vencer minhas paixões, sempre acreditando estar cumprindo o desígnio do nosso Criador!



MISSÃO MINDU E OS SANTOS DE RUA

Nelson José de Castro Peixoto

“É preciso ler como o coração, com a ternura dos homens que acreditam que, pelas veias desta história, percorrem os mistérios, numa fusão de paixão, heroísmo, bravura, idealismo, de encontros e desencontros, de perseverança e desistência, de morte e vida, luzes e sombras”. (Dom Jacson Damasceno Rodrigues, 1991.)

A inquietação faz parte do carisma redentorista, até para quem já foi seminarista, experimentando um leve ou forte desgaste pela Redenção. A Missão Mindu, que abre como título este artigo, é uma experiência de uns ex-seminaristas, ainda poucos, que se juntaram com leigos, que ainda não conheciam o coração missionário de Santo Afonso, entre os mais necessitados, para tornar viva a memória do cuidado para com os pobres do Reino.

Aqui, podemos dizer que em vez de cabreiros, temos ribeirinhos de um rio de 16 quilômetros que se chama Igarapé do Mindu¹, cujo significado figurado tem a ver com a corredeira lenta que atravessa a cidade de Manaus, “ferindo” o chão e as pessoas segundo o dicionário basco. Rio que vai recebendo afluentes, ou seja, “corroendo” as terras e abrindo um vale até chegar às águas do Rio Negro.

O embrião de pastoral que acontece, em certo trecho do igarapé, é atrás de um Shopping, onde se ergueram casas humildes com porão, porque, nas grandes chuvas, as enxurradas transbordam entram nas casas, maltratando e “ferindo” os moradores.

Os “santos de rua”², que completa o título acima, são aqueles que perambulam pelas ruas e becos desordenados, muitos carregando resíduos sólidos para vender e completar o valor da garrafinha de cachaça, entre outras necessidades.

Entre os santos, encontramos dois deles que viviam como “Cosme e Damião”, cruzando as ruas e contando histórias que registrei e as condensei em um livro, assim como dez crônicas de andanças, em busca de gente para amar e servir.

Esta iniciativa foi se avolumando com ações junto aos idosos vulneráveis de duas casas de abrigo, que se somaram com outras frentes de atenção aos direitos da Pessoa Idosa.

Nesta Missão Mindu também se encontra a iniciativa da reabertura da Capela do Manaus Plaza Shopping, com uma comunidade crescente que se reúne todas as terças-feiras, desde 2022, assim como reúnem-se, gradativamente, outros grupos de pessoas que descobriram naquele lugar um recanto de oração e de fraternidade, com o seguinte horizonte: DA ORAÇÃO À MISSÃO.

Assim sendo, por mais que eu, Nelson Peixoto, apareça como o protagonista número 1 do livro a ser publicado no Mês Vocacional de 2026, escrevo em nome de muitos outros missionários do Reino, que compõem comigo um colegiado de fé, fraternidade e serviço, inclusive como os participantes originários da Capela do Manaus Plaza Shopping que se reúnem desde fevereiro de 2022, todas as terças-feiras.

O desejo de publicar este livro de bolso encontra sua razão de ser no exemplo da experiência de Jesus nas estradas de Nazaré e nas margens dos lagos de Genezaré, referindo-se à planície ou Mar da Galileia, mencionado nos Evangelhos. Assim eu sonhava reviver, mas que estaria repleta de surpresas tal como aconteceu, passados cinco anos (2021-2026).

Do fundo do coração, acredito que a vida cristã de um missionário, padre ou leigo, se quiser ser seguidor de Jesus, precisa olhar as periferias das cidades para encarnar a prática do Mestre, espelhar-se nas Bem-Aventuranças e no critério maior da salvação, a fim de saldar nossa única dívida: amar o próximo, segundo Romanos 13, 8.

CSsR ou SOS

É como começa uma das crônicas, que apesar de trazer meu personalismo, significa a participação de outras pessoas num coletivo, que pode sugerir uma inserção de pastoral social que pode ser a gênese de uma igreja que nasce da base, ou seja, uma reunião capaz de germinar uma pequena comunidade eclesial (Ceb).

1. Andanças e Parcerias em Missão

“Era o meio de uma tarde sem sol e sem chuva, clima bom para dar um giro e encontrar as pessoas chegando em casa das andanças por bicos para viver melhor nos becos.

Aventurei-me em entradas estreitas e avancei. Sem esperar, me vi à margem esquerda do Mindu. À direita, estavam os fundos de casas, comércio, condomínios empresas e hotéis da Djalma Batista.

Meu argumento para puxar conversa era dizer que estava à procura de uma senhora, que às vezes se chamava Augusta, e outras vezes, Margarida. Não sei se eu era convincente, sentindo certo olhar de desconfiança. Acho que sei ler os olhos. Perguntando aonde sair, estando numa certa altura da margem do igarapé, notei com clareza que me disseram seguir em frente, mas era muito longe, o que recebi como mensagem que não devia avançar. Fui pelo caminho indicado por eles.

Encontrei mais à frente, o segundo grupo de mulheres ao redor da mesa de vendas e recomecei a conversa “Onde mora a dona Margarida, minha vizinha da Alvorada?”. Queria fazer conexão e fixar presença.

Acho até que posso me apresentar no futuro como das Aldeias Infantis “extramuros”, pois faço questão de ir com camisa SOS. Achei que seria mais verdadeiro do que dizer que era pastor ou padre casado católico e com família. Até que poderia dizer que era missionário redentorista leigo, mas poderia dar um nó de confusão na cabeça dos ouvintes. Dando-me a conhecer identificado a Aldeias, eu posso dizer que, após pandemia, vamos conversar com os pais e planejar pequenas atividades com as crianças. Aí pode ser que abra um caminho para trabalhar com algumas famílias. “Deus vai guiar”.

Fui saindo dos becos e encontrei um grupo de homens, sentados na frente da casa, estando um deles, vendendo açaí na calçada da rua. Estavam com o rosto meio fechado para responder minhas perguntas, que, no início, pareciam tolas. Mas fiquei uns 15 minutos em conversa com eles. Um disse-me, com clareza, que a maior extensão da Vila Amazonas foi feita por ocupação, muito mais ainda essa parte baixa que moram de fundos com o igarapé.



2. Vila AMAZONAS, lugar de valor valente e prova de CUIDADO

Disseram-me que a Vila Amazonas surgiu de um conjunto de casas que o governo construiu para dar aos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial (4). Não fiquei sabendo do nome de nenhum desses valentes senhores de idade avançada.

A comunhão eclesial com a Paróquia, por mais que seja uma administração de controle, é um fato que corresponde a Comunidade de Santo Antônio do Mindu, muito apoiada pela matriz de Nossa Senhora de Nazaré. O movimento dos Jovens do Terço e o Terço dos Homens

Missionários, e os Voluntários do FAIC (Fraternidade dos Amigos e Irmãos da Caridade), se fazem presentes nessa área de alta vulnerabilidade.

Como Igreja, exemplarmente, vivenciada pelo Papa Francisco e atualmente pelo Papa Leão XIV, procuramos e priorizamos a opção pastoral por uma Igreja de pobres e com os pobres.

Atualmente para manter-nos ativos e viver o anúncio do Reino de Deus, temos uma razão muito forte que se consolida, participando da vida dos idosos, através de visitas em casas residenciais coletivas e participando de grupos de voluntários. De forma, abençoada, especial e mais integral, participo da Fraternidade dos Amigos e Irmãos da Caridade (FAIC), por onde transitamos com liberdade e nos abastecemos em motivação, unidos como Grupo de AMIGOS EM CRISTO e VOLUNTÁRIOS DO FAIC, com agendas de oração, campanhas e mutirões.

Cremos que a real forma de nos encontrar com Jesus, é vê-Lo nas pessoas que passam por nós, sobretudo, os necessitados que vivem sem seus direitos humanos.

Como dizia Santo Afonso, vamos gastar os dias para a Copiosa Redenção. E como afirmava São Vicente de Paulo, “garantir a nossa felicidade é viver e morrer a serviço dos pobres”.

Por essas razões, encontramos o melhor e o maior legado que os Amigos em Cristo, os Voluntários do FAIC, o Terço dos Homens Missionários, os Cuidadores da Casa do Idoso São Vicente de Paula, da Fundação Dr. Thomas e toda a equipe podem deixar no mundo em transformação, mais próximo do jeito alternativo, como pensado por Jesus, diferente daquele em que se encarnou e nos enviou a anunciar.

Desta forma, a MISSÃO MINDU, ganha força e se espalha com o fogo do Espírito Santo. Apenas uma pequena chama que foi a proposta inicial para juntar os ex-seminaristas redentoristas para fortalecer suas vivências de fé e de amizades. Ainda temos muito a caminhar.

A Capela do Manaus Plaza Shopping transformou-se num espaço inclusivo de muitas pessoas, idosos e jovens, Grupos de Oração, Cenáculo, Novena de São José e outros movimentos e Pastorais da Igreja, fermentando um Ecumenismo de práticas de Caridade. Unidade que abastece a fé e põem a todos em Missão, muito além das margens do Igarapé do Mindu, percorrendo e anunciando o AMOR DE JESUS.



EX-SEMINARISTAS REDENTORISTAS, ASSOCIADOS DA UNESER, ORDENADOS DIÁCONOS PERMANENTES.

José Roberto Staliano

O diaconato permanente é o primeiro grau do Sacramento da Ordem na Igreja Católica. Destina-se a homens, geralmente casados, que recebem a ordenação para atuar no auxílio aos bispos e padres. Eles permanecem neste grau do ministério de forma definitiva e integram o clero da Igreja.

Na Igreja primitiva, os apóstolos criaram o diaconato para permitir aos sacerdotes concentrarem-se na essência de seus deveres sacerdotais. Assumiram a liderança das funções caritativas e administrativas da Igreja, como é descrito no livro dos Atos dos Apóstolos:

“Naqueles dias, à medida que crescia o número dos discípulos, houve queixas dos gregos contra os hebreus, porque suas viúvas haviam sido descuidadas na distribuição diária. Então os Doze convocaram uma reunião dos discípulos e disseram: Não é razoável que abandonemos a Palavra. Portanto, irmãos, elejam entre vocês sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, a quem confiaremos este ofício. Responderemos à oração e ao ministério da Palavra sem cessar. Elegeram, então, a Estevão, um homem cheio de fé e do Espírito Santo; Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito da Antioquia (At 6,1-6).

O Brasil é um dos países com mais Diáconos Permanentes no mundo.

Durante a 53ª Assembleia Geral da CNBB, em 2015, em 160 Dioceses, havia mais de 3.400 Diáconos ordenados. Já em 2024, esse número pulou para mais de 6.200. Entre 2023 e 2024 foram ordenadas turmas grandes como 16 em Fortaleza e 40 em Maringá. A vocação cresce todo ano. No último dia 04 de

julho de 2026 foram ordenados 28 Diáconos Permanentes pela Diocese de Imperatriz do Maranhão. O patrono principal dos diáconos (incluindo os permanentes) é São Lourenço, um mártir do século III celebrado em 10 de agosto. Ele é lembrado pelo seu serviço exemplar aos pobres e pela sua dedicação à Igreja de Roma. Além dele, Santo Estêvão, o primeiro mártir cristão, também é considerado patrono dos diáconos

O termo “diácono” aparece 29 vezes nos Evangelhos. São Francisco de Assis foi um diácono. Ainda assim, muitos católicos não têm ideia do que é um diácono...

O diaconato apoia-se em 3 pilares: a **Palavra, o Altar e a Caridade**. Suas atribuições são:
Na Liturgia: Proclamar o Evangelho, auxiliar no altar, distribuir a Sagrada Comunhão e dar a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Nos Sacramentos: Podem batizar e abençoar matrimônios.

Na Caridade: Dedicam-se a obras sociais e auxílio direto aos mais necessitados.



A formação passa por um período de discernimento e uma escola diaconal com duração de quatro anos.

A UNESER tem a alegria de contar atualmente, em seu quadro de associados, com 16 ex-seminaristas como Diáconos Permanentes que tiveram a formação Afonsiana.

Apresentamos, por ordem alfabética:

Adilson José Cunha - Período de seminário de 1971 a 1974. Ordenado Diácono em 04 de outubro de 1986 na Catedral de São Francisco das Chagas, ficando até 1990 na Paróquia Nossa Senhora da Assunção de Pindamonhangaba. Em seguida passou para a Paróquia São Vicente de Paulo em Moreira César até 2019. Nesse ano participou da Missão Leiga da UNESER em Tietê sob o título de Batizados e Enviados. Atuou e ainda atua por diversas paróquias e comunidades do sul de Minas e na região de Pindamonhangaba (SP). Sempre disponível, participou por onze anos de celebrações da Semana Santa nessas regiões, atendendo à tríplice missão: a Diaconia da Caridade; a Diaconia da Palavra e a Diaconia da Liturgia. Foi Diretor da Cáritas Diocesana como Membro do Conselho Cáritas São Paulo.

Alexandre Antônio Cato Filho – Período de seminário de 1964 a 1965. Ordenado Diácono Permanente em 30 de maio de 2010 pelas mãos de Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues. Atual Vigário Paroquial da Paróquia Santíssima Trindade de Tietê –SP. Sempre atuou na Paróquia junto à Igreja de Santa Terezinha da Congregação Redentorista.

Ari Antônio Cestarioli – Período de seminário de 1966 a 1974. Recebeu a Ordenação Diaconal em no dia 30 de maio de 2010, na festa da Santíssima Trindade pelas mãos do Arcebispo, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues. Hoje o Pastor nesta arquidiocese de Sorocaba é o Arcebispo Dom José Roberto Fortes Palau. Atualmente exerce a função de Vigário Paroquial com as funções diaconais na Paróquia Santíssima Trindade em Tietê, cujo

Pároco é o Padre Antônio Fernandes e o vigário, Padre Maick. Já são dezesseis anos de caminhada, que executa com alegria e dedicação.

Benedito da Conceição P. R. dos Santos – Frequentou o Seminário de Santo Afonso como seminarista e Ordenado em 11/07/1987 como Diácono Permanente. Atuou sempre na Diocese de São José dos Campos – SP. Tendo apresentado ao completar 75 anos, a carta de Renúncia de Ofício. Atuou na Paróquia de Imaculada Conceição de Jacareí – SP.

Fernando Borges Gomes – Período de seminário de 1982 a 1984. Ordenação Diaconal em 02/08/2024. Provisionado na Basílica Santuário Sacramento – Sacramento-MG. Atua como Diácono em todas as comunidades da Paróquia do Santíssimo Sacramento apresentado pelo Patrocínio de Maria. Atua como Membro da PASCOM da Basílica e também em diversas Pastorais como Coordenador do Cursilho, Coordenador da Catequese, Diretor Espiritual do JASS (Juventude de Adoradores do Ssmo. Sacramento). Membro da Eucaristia. Executa trabalhos sociais na paróquia como Presidente da Casa do Menor da Rosa da Mata. Atual Diretor responsável pela Comunidade de N. Sra. do Perpétuo Socorro.

Francisco José Santos dos Anjos – Estudou no seminário de Sacramento (MG) em 1984, vindo da Missão redentorista da Bahia, tendo como formadores Padre Elias Guimarães, Padre Carrilho e Padre Ferrari. Foi ordenado Diácono Permanente em 22/05/2016 por Dom Mauro Montagnoli e incardinado na Diocese de Ilhéus. Atua na Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus em Ilhéus. Auxilia outras paróquias sempre que necessário, com celebrações da Palavra e ministrando formação para grupos como Legião de Maria, Apostolado de Oração, ECC, Renovação Carismática, Coroinhas e Congregação Mariana. Mantém firme sua Espiritualidade Afonsiana.

Francisco Jovane Rodrigues da Silva – Período de Seminário Benevides (PA) de 1964 a 1970. Kursou a Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Manaus. Foi ordenado Diácono Permanente em 08/06/2008. Serviu em diversas paróquias de Manaus, sendo que atualmente está na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe. É Assessor da Escola Bíblica Padre Júlio Maria de Lombardier. Aos domingos celebra a Palavra em diversas comunidades de Manaus.

Inácio de Melo Mesquita – Período de seminário de 1953, quando chegou a estátua de bronze de Santo Afonso doada pela família do Sr. José Gorra, com 800 kg e de 4 metros de altura que está na entrada do Seminário Santo Afonso, até 1956. Recebeu a Ordenação Diaconal em 07/01/2007. Serve, de ofício, na Paróquia Santo Antônio do Caxingui, em São Paulo. Por mais de dez anos trabalhou na Pastoral Carcerária de São Paulo. Formado em Direito Canônico, exerceu por dois anos a função de Auditor no Tribunal Eclesiástico da Arquidiocese de São Paulo. Também atuou na Pastoral Judiciária da Diocese de Campo Limpo. Também ofício na Paróquia São Pedro e São Paulo de Campo Limpo – SP. Como civil exerceu a função de Diretor da antiga FEBEM, hoje Fundação Casa; na Penitenciária do Estado, no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha e como primeiro Diretor do Centro de Detenção de Pinheiros – SP.

João Bosco Barbosa de Souza – Período de seminário em Manaus de 1982 a 1985 . Ordenado Diácono em 27/11/2011, dia de Nossa Senhora das Graças. Durante uma ano permaneceu colaborando na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e passou a servir na Pastoral da Periferia da comunidade de Compensa, em Manaus por mais dez anos, até 2023. Em 2022 passou a colaborar nas Novenas de Nossa Senhora do Perpétuo

Socorro no Santuário de Aparecida sem deixar de servir à Comunidade Compensa. Em 2023 foi convidado a assumir a coordenação geral da Capela de NSP.Socorro, iniciando essa missão a partir de 2024 onde permanece até o presente momento. “Servir é reinar! Não buscamos o poder, mas o ser! Ser Diácono é muito mais importante do que simplesmente fazer coisas na Igreja. Que Deus continue abençoando o Diaconato Permanente de nossa Igreja no Brasil e no Mundo”.

Jorge da Silva – Período de seminário de 1971 a 1974, Sacramento, MG. Recebeu a Ordenação Diaconal em 09/07/2025, em Sertãozinho, SP, pelas mãos de Dom Moacir Silva, arcebispo de Ribeirão Preto, SP. Pertence à Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Sertãozinho – SP. Atua na coordenação da Capela São Vicente de Paulo, como Diretor do Asilo São Vicente, assistente das Pastorais, em especial do batismo e da saúde, levando a Eucaristia aos enfermos e idosos. Serve também em outras paróquias nas celebrações.

José Alves de Souza – Período de seminário de 1960 a 1962. Recebeu a Ordenação Diaconal em 25/04/2010 na Solenidade Bom Pastor em Uberlândia. Serve atualmente na Paróquia São Benedito, tendo já passado pelas Paróquias Divino Espírito Santo e Paróquia São Francisco de Assis.

José Hélio dos Reis – Esteve no seminário de 1968 a 1976. Ordenação Diaconal em 2011 junto com 47 companheiros. Serviu na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em São José dos Campos - SP por quatro anos, sendo transferido para a Paróquia Nossa Senhora Aparecida onde atua até o presente momento. Agradecido sempre aos seus formadores e amigos.

Luiz Gonzaga Borges – Entrou para o Seminário Santo Afonso em 1969, em 1973 foi para Tietê, completando Filosofia em Campinas e depois noviciado em São João da Boa Vista. Recebeu a Ordenação Diaconal em 04/07/2003. Atuou na Diocese de Santarém por dois anos, sendo nomeado pelo Bispo Dom Flávio Geovaneli para assumir a Paróquia Sagrado Coração de Jesus na cidade de Fordilândia, 300 Km distante. Atuou por um ano em mais de 22 comunidades, sendo 4 de indígenas: Curiteçá, Curitimbó, Cauassepá e Urucutimbó. Retornou para a cidade de Tietê-SP.

Luiz Gonzaga da Silva Oliveira – Frequentou o Seminário de Santo Afonso e foi Ordenado Diácono Permanente em 21 de outubro de 2002. Paróquia Mãe do Salvador (Conhecida como “Igreja da Cruz Torta”) no bairro Alto de Pinheiros. Reside atualmente em Batatais – SP.

Natalino de Jesus Chirelli – Período de seminário de a Ordenação Diaconal 07/04/2002 Exerce o ministério diaconal na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Saltinho, desde o dia 15 de março de 2020. Foi notário do Tribunal Diocesano de Piracicaba. Exerceu o ministério diaconal na Paróquia Santo Antônio (Sé Catedral) em Piracicaba até fevereiro de 2020.

Vicente Ferreira Nunes - Esteve no seminário em 1986. Foi ordenado Diácono Permanente em 07/08/2021 na Diocese de São José dos Campos (veja mais informações sobre o Diácono Vicente no artigo publicado neste numero da revista).

Que cada um desses servos seja abençoado na família, no trabalho e nas comunidades, nas mais diversas atividades desenvolvidas.

Fontes consultadas: Comissão Nacional de Diáconos do Brasil – CDD – CNBB, Comissão Diocesana dos Diáconos Permanentes da Diocese de São José dos Campos; Arquidioceses de Manaus e Sorocaba, Arquivos Pessoais dos Diáconos.

TEMPO DE ACOLHER E DE CUIDAR

Diácono Vicente Ferreira Nunes

Nasci em março de 1964, no bairro rural do cafezal, município de São Bento do Sapucaí, São Paulo. Meu pai, Sr. Geraldo, e minha mãe, Maria do Carmo. Meus pais, de família católica, logo no terceiro dia de meu nascimento, já me apresentaram à pia batismal. Quem celebrou o meu batismo foi o pároco da época, Padre Pedro, um ícone na história da cidade.

Passou-se o tempo, vieram meus irmãos: José Roberto (falecido), Donizette, Luiz, Paulo Henrique. Todos nós nascemos na roça. Logo após o nascimento de meu irmão Paulo Henrique, meus pais tomaram a decisão de se mudarem para São José dos Campos, SP, em busca de emprego e melhores condições de vida, 1970.

O primeiro emprego foi no CTA (Centro Técnico Aeroespacial) hoje DCTA. Aqui, em São José, nasceu Mariana, a nossa única irmã.

Quando eu comecei a ler, meu pai me deu uma bíblia, de presente. E foi ali, que tive os meus primeiros contatos com Deus. Conheci o Jesus do evangelho e me encantei com o jeito com que Ele se misturava com o povo e passei a querer segui-lo.

Eu tinha, em meu coração, que eu queria ser seguidor de Jesus. Fiquei mais atento nas missas, nas rezas familiares e, também, na catequese.

No ano de 1978, comecei a trabalhar, já com carteira assinada. Meu primeiro emprego foi na função de empacotador, numa loja de material para construção.

Eu estava então, trabalhando e participando das atividades na Igreja. Sentia que eu tinha vocação para ser padre. Foi aí que conheci os padres Salesianos, Franciscanos, Redentoristas e Diocesanos.

Fiz encontro vocacional com todos e, por fim, decidi entrar na Congregação do Santíssimo Redentor, no ano de 1986. Seminário Santo Afonso, em Aparecida, SP. Na época, conheci os padres Carlos Artur, Pe. Vanin, Pe. Tarcísio Lemos, Pe. Beltrame (meu formador do 4º ano) e muitos outros padres e colegas de seminário. Foi pouco tempo, menos de um ano, mas aprendi muito e tenho muitas saudades!

Não fiquei nem um ano. Voltei para o meu trabalho e para a vida de igreja, grupos de jovens. Mais tarde, conheci a jovem Marlene, colega de trabalho e com ela fui amigo, namorado, noivo e marido. Conheci a Ordem Terceira do Carmo (leigos carmelitas). Minha esposa e eu formamos uma comunidade de Carmelitas Leigos, aqui em São José. Hoje, a Ordem tem sede

própria e estamos com mais de 60 irmãos, nas diversas etapas de formação (postulantado, noviciado, professos temporários e perpétuos).

O convite, para me tornar diácono permanente, veio no ano de 2003 e o curso se deu no período de 2005 a 2010. Não fui ordenado juntamente com meus colegas, pois o meu filho mais novo tinha apenas 3 anos. O meu pároco pediu pra esperar. Esta espera foi de 11 anos. Um tempo difícil, mas necessário para o meu amadurecimento vocacional. A ordenação aconteceu no dia 07 de agosto de 2021. Minha paróquia de atuação é a Matriz São José.

Como diácono permanente, minha vida é uma ponte viva entre o altar, o meu lar e o mundo. No silêncio do meu coração, ressoa o chamado para o exercício do dom da caridade e do serviço, uma missão que desdobro com amor, na Paróquia Matriz São José e na querida comunidade Nossa Senhora Rosa Mística, Vila Guarani, na nossa periferia, que me foi confiada.

Sou aposentado, mas ainda preciso trabalhar. Minha esposa e eu somos livreiros, ou seja, vendemos livros na internet para ajudar na aposentadoria. Tenho, ainda, o filho mais novo que depende de nós, pois faz faculdade na cidade de São Bernardo do Campo, SP.

Toda a nossa vida é sustentada e alimentada pela oração. É no diálogo íntimo com Deus, na intercessão constante pelas pessoas que me foram confiadas, é que eu consigo viver minha dupla sacra mentalidade de serviço, Matrimônio e Ordem.

É na oração individual, familiar e comunitária onde encontro forças para colocar em prática, com fidelidade, aquilo que na minha ordenação diaconal ouvi do bispo: “transformar em fé viva o que leio, ensinar aquilo em que creio e procurar realizar, por meio de ações concretas, tudo aquilo que ensino”.

Tudo o que sou e faço se sustentam na graça do Sacramento do Matrimônio. Minha vocação matrimonial é a base sólida onde partilho a vida com minha esposa Marlene e meus filhos Gustavo e Giovanni, e é a partir do amor vivido em casa, que encontro forças para servir a Deus.

Minha missão se faz proximidade no cuidado com as famílias: como assessor da Pastoral Familiar, caminhando lado a lado com os casais e noivos, em seus encontros.

Mas o meu ministério ganha um rosto ainda mais próximo na Vila Guarani, onde atendo, diretamente, a Comunidade Nossa Senhora Rosa Mística. Ali, para além da dimensão religiosa, meu olhar se volta atento às dores das pessoas, principalmente os mais vulneráveis. Tenho procurado perceber, de perto, o sofrimento de tantas famílias da comunidade que enfrentam o desemprego, a falta do alimento na mesa e a falta de remédios básicos para cuidar de seus entes queridos.

É nesse cenário que o meu coração diaconal se faz solidário.

Semanalmente, reúno o povo para as Celebrações da Palavra e dedico meu tempo à Catequese de Adultos. Sou eu quem acompanha de perto e realiza toda a preparação daquela comunidade para os sacramentos que transformam vidas: o Batismo, a Primeira Eucaristia, a Crisma e o Matrimônio.

Vivendo a beleza da minha dupla vocação de serviço — o sacramento do matrimônio no meu lar e o sacramento da ordem na Igreja —, caminho na Paróquia São José, como um sinal visível de Cristo que não veio para ser servido, mas para servir.

Vivemos em uma sociedade marcada pela pressa, pelo individualismo e pela indiferença. Em meio às inúmeras transformações sociais e culturais, cresce também o número de pessoas que perderam a esperança, afastaram-se da fé ou já não encontram sentido para a própria existência. Diante dessa realidade, o tema “Tempo de cuidar” apresenta-se como

um convite para redescobriremos o coração misericordioso de Deus, que nunca abandona seus filhos, mas vai ao encontro deles para restaurar sua dignidade e renovar sua esperança.

A parábola da ovelha perdida (Lc 15,1-7) revela um Deus que não permanece distante diante do sofrimento humano. Pelo contrário, toma a iniciativa de procurar aquele que se perdeu, carregando-o, sobre os ombros, com ternura e alegria. Esse cuidado divino é fonte de esperança para toda a humanidade e inspira a missão da Igreja no mundo de hoje.

O capítulo 15 do Evangelho de São Lucas inicia apresentando Jesus cercado por publicanos e pecadores. Enquanto os fariseus murmuravam por Ele acolher aqueles considerados indignos, Jesus responde contando a parábola da ovelha perdida. Nela, o pastor deixa noventa e nove ovelhas para buscar aquela que se perdeu. Quando a encontra, não a repreende nem a condena; coloca-a sobre os ombros e convida todos a participarem de sua alegria.

Essa imagem revela o verdadeiro rosto de Deus. Seu cuidado não é abstrato, mas concreto. Ele conhece cada pessoa pelo nome, percebe suas feridas, suas quedas e seus medos. O Senhor nunca desiste daquele que se afastou. Seu amor é perseverante e misericordioso.

A esperança cristã nasce exatamente dessa certeza: antes mesmo que o ser humano procure Deus, Deus já está à sua procura. Como afirma São Paulo: “Deus prova o seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5,8).

Uma das maiores pobreza do nosso tempo é a perda da esperança. Muitos vivem cercados por tecnologias e informações, mas experimentam o vazio interior, a solidão e o desânimo. Outros se afastaram da comunidade cristã porque não foram acolhidos, ou porque as dificuldades da vida enfraqueceram sua fé.

Nesse contexto, o cuidado de Deus torna-se um sinal luminoso. O Evangelho recorda que ninguém está definitivamente perdido. O Bom Pastor continua percorrendo os caminhos da humanidade em busca daqueles que se sentem esquecidos, desanimados ou incapazes de recomeçar.

O Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti*, recorda que somos chamados a construir uma cultura da proximidade, na qual ninguém seja considerado descartável. O cuidado com o outro nasce do reconhecimento de que pertencemos à mesma família humana e somos responsáveis uns pelos outros. Somente uma fraternidade vivida concretamente é capaz de restaurar a esperança em um mundo marcado pela indiferença.

A parábola da ovelha perdida também ilumina a missão da Igreja. Se Deus procura aqueles que se perderam, a comunidade cristã não pode limitar-se a esperar que eles retornem.

É necessário sair ao encontro, acolher sem julgamentos, escutar com atenção e caminhar ao lado daqueles que carregam feridas profundas.

Cuidar significa criar espaços onde as pessoas encontrem misericórdia, escuta e amizade. Muitas vezes, o primeiro anúncio do Evangelho não acontece por meio de grandes discursos, mas através de gestos simples de proximidade, compaixão e solidariedade.

Quando uma comunidade vive essa espiritualidade do cuidado, torna-se sinal da presença do Bom Pastor. Assim, aqueles que haviam perdido a esperança podem redescobrir que Deus continua caminhando com eles e nunca deixou de amá-los.

Considerações finais

O tempo presente exige cristãos capazes de testemunhar o cuidado de Deus em palavras e ações.

Como marido, pai e diácono permanente, sinto não só o cuidado que Deus tem por mim e meus familiares, mas também, que sou chamado a viver este tempo, juntamente, com as pessoas na sociedade, no trabalho, na igreja.

A parábola da ovelha perdida recorda que a esperança nunca nasce do isolamento, mas da experiência de sermos encontrados pelo amor misericordioso do Pai. Acredito que sou, como muitos, a extensão do amor de Deus para com as ovelhas perdidas, sofredas e machucadas.

Que nossas comunidades sejam lugares de acolhida, escuta e cuidado, onde cada pessoa possa sentir-se amada, valorizada e chamada a recomeçar.

Assim, viver o “Tempo de cuidar” é participar da própria missão de Cristo: procurar quem se perdeu, fortalecer quem desanimou e anunciar, com a vida, que o amor de Deus continua sendo a maior fonte de esperança para a humanidade.

OBRIGADO POR RESERVAR UM TEMPO PARA NOSSA REVISTA.

Que cada palavra aqui compartilhada
siga ecoando em seu coração
e inspire novas escolhas,
atitudes e propósitos.

Até a próxima edição!



“

Tudo tem o seu tempo determinado,
e há tempo para todo o propósito
debaixo do céu.

ECLESIASTES 3:1



ACOMPANHE A UNESER

Fique por dentro das nossas ações,
formações e conteúdos que transformam.



www.uneser.com.br



ESTÚDIO BELIZE

REVISTA NOSSO TEMPO

VOLUME II • NÚMERO VI • MAIO/AGOSTO 2026
